

A VELHA GUARDA

ÓRGÃO LOCAL DO PARTIDO REPUBLICANO PORTUGUÊS

Director,

Vitorino Simões Lopes Sampaio

Propriedade da Empresa de A Velha Guarda

Editor,

Alcindo Dias Pereira

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: Rua 31 de Janeiro, 165 — Composto e impresso na Tip. do «Noticias de Fafe»: Rua Monsenhor — FAFE

Nem dissolução, nem abdicção

Nas próprias colunas deste jornal e assinado por um dedicadissimo correligionário, li ultimamente um artigo em que, condenando-se, justamente, a dissolução dos partidos, se apresenta como motivo para sustos a eventualidade do P. R. P. voltar ao poder. Estabelece-se ainda, nesse mesmo artigo, um singular programa que consiste em o P. R. P., quando a ditadura der por finda a sua missão, facilitar a organização dum outro grande partido que não tenha medo dele, e apoiar um governo, constituído por republicanos independentes ou filiados noutras organizações; esse apoio será levado ao extremo de, quando se façam eleições, o P. R. P. ajudar o governo de forma que este leve ás camaras uma grande maioria.

Isto parece querer dizer o seguinte: o P. R. P. reconhece que o facto de poder vir a governar após a ditadura é caso para alarmar todos os sinceros republicanos; o P. R. P. deve tratar de organizar, á sua custa, portanto, um outro partido bastante forte para que por este possa ser intemperatamente combatido; no primeiro governo constitucional que se organizar, o P. R. P. não deverá ter representação; o P. R. P. terá que apoiar esse governo; o P. R. P. terá que eleger os candidatos desse governo e não os seus próprios. Em quatro palavras: dissolução não, abdicção sim.

Ora nem uma coisa nem outra.

Nenhum sincero republicano pôde reear que o P. R. P. governe; evidentemente, nem todos concordarão com o seu programa e podem muitos não simpatizar com este ou aquêle dos seus homens de Estado. Mas, daí a terem

mêdo dum governo do P. R. P. vai muito; ninguém põe em duvida o alto patriotismo do Partido e as eminentes qualidades dos seus homens de governo; de mais a mais, as democracias fornecem meios fáceis á nação de sacudir do poder quem dêle se sirva para traír os interesses da pátria, se tão abominável hipótese, tratando-se do maior e mais sacrificado partido da República, se pôde pôr.

Uma coisa é ter medo dum governo do P. R. P., outra coisa é não achar oportuno que após um longo periodo ditatorial assuma o poder, isoladamente, qualquer dos partidos políticos constituídos. Quando tal se dê, está naturalmente indicada a constituição dum governo de concentração republicana, com representação de todas as correntes de opinião; dêle terão de fazer necessariamente parte representantes do P. R. P., como delegados da maior organização republicana que no país existe; não faria sentido e seria de gravissimas consequências para a República que o maior partido desta não assumisse a sua cota parte de responsabilidades nesse governo; a grande massa de republicanos que constitue o P. R. P. tem o direito e até o dever de participar na governação do país, no seu periodo de constituição republicana.

Os partidos, sejam elles quais forem, têm sempre a mesma aspiração: governar; só governando as suas ideias se poderão aplicar e realisar. Partido que não aspira a governar ou que foge ás responsabilidades de governo, não é, ou deixou de ser, partido.

Tampouco é possível um partido político auxiliar a organização de outro; os partidos querem, e devem querer

sempre, engrandecer-se a si próprios: não têm por fim proliferar; o que cria os partidos é a divergência de ideias e principios; dentro da sinceridade e da seriedade, não é possível, pois, um partido auxiliar a organização de outro.

O primeiro governo de reconstituição republicana que se organizar após a ditadura não terá candidatos seus para fazer eleger contra os candidatos dos partidos e com os votos, que seriam forçados, do P. R. P.. Esse governo o que tem é de garantir, por todos os meios, á nação o direito e a plena liberdade de eleger aquêles que julgue mais dignos de a governarem. E quando feito isso, a sua missão estará terminada: entregará o poder ao partido ou ao grupo de partidos, velhos ou novos, que o resultado do sufrágio indicar.

Na nação é que reside a soberania; demos liberdade a nação para se pronunciar, combata cada um pelas suas ideias e acate-se, por fim, a vontade nacional, mas sem ficções, nem arranjos, nem abdicções que iludam a sinceridade do sufrágio. Colocamo-nos no lugar em que a nossa consciência nos diga que melhor poderemos servir a nação; ninguém nos obriga a tomá-lo; vamos para elle porque a nossa inteligência e o nosso patriotismo assim no-lo indicam; mas, tomado esse logar, não tenhamos vergonha ou receio dos que tenham escolhido situações diferentes; com firmeza, através de tudo e francamente contra todos, defendamos o nosso ideal e assumamos, sem tibiezas, as responsabilidades que daí nos advenham.

Atraiçoarmo-nos a nós próprios é tonteira ridícula.

VELHARIAS FORENSES

Por Eduardo d'Almeida

IV

Pela tarde de 28 de Julho de 1822 começou a propalar-se com insistencia e aiarne a noticia de um gravissimo crime de envenenamento. Pouco depois, viram passar ao Toural António do Couto Ribeiro, Fidalgo da Casa Real, vereador que estava a servir de Juiz, acaudatado pelo Tabelião Rodrigo António Felizardo da Costa. Os mais curiosos foram-lhe na pista e como elle se dirigisse á Rua Nova do Muro logo converteram em certeza o tetrico boato. Electivamente, já o Meirinho o aguardava ás portas duma casa, onde entraram. Ali, estendido num cama, e contorcendo-se em ânsias e vômitos de envenenado, estava Manuel António. E, prestado juramento, contou que, de manhã, seriam dez horas, fóra ouvir missa á Igreja da Oliveira, ficando sua mulher em casa a fazer o jantar. A casa era quase fronteira áquella em que se encontrava, nela viviam, no direito que tinham de reserva, mas haviam sido forçados a alugar este quarto a um visinho e amigo para dormirem, elle e a mulher. Na volta da missa, esperava-o sua mulher á porta da rua, seriam onze horas, com o jantar feito, indo ella própria buscar o vinho a uma venda próxima. Subiu a uma sala da reserva, descascou uma laranja e começou a come-la, com pão; entretanto vinha sua mulher, que pôs a mesa e tirou o caldo. Sentaram-se os dois a jantar, e, quando sua mulher tinha quase acabado de comer o caldo, estacou e disse-lhe:

—O' Manuel, a que sabe este caldo?

—Parece que me sabe a pimenta.

—Eu por mim não acabo semelhante caldo!

Ele tinha ainda comido pouco por o achar bastante quente. Mas logo sua mulher entrou em aflições e vômitos, e ânsias que parecia que morria, até que fugiu pela casa fóra para esta onde dormiam, entrando quase sem sentidos e sem poder falar, moribunda, e falecendo ás cinco horas da tarde. A elle também lhe deram vômitos e aflições terríveis, estando ainda vivo por ter comido menos caldo, ou talvez por ter, antes, comido a laranja «que não deixou tanto comunicar o veneno».

—Quem cosinhou o jantar?

—Minha mulher.

—Quem mais vivia na casa?

—Minha filha e meu genro, a nossa filha e o nosso genro—e mais ninguém. O veneno só podia e só foi deitado pelo meu genro, quando minha mulher desceu para ir buscar o vinho. Ele jurou publicamente que havia de matar-nos—cumpriu a sua promessa de ódio. Foi para evitar desavenças e barulhos constantes que nos sujeitamos a alugar este quarto para dormir. Minha mulher, boa companheira de tantos anos, ali está, morta. Eu, neste lindo estado. Antes Deus me leve também e me ajudem a penitencia as horas que passei esta tarde.

—E sua filha?

—Sou pai, não a posso julgar. Fa-

ra mim é inocente. Que Deus lhe perdoe também.

—A cosinha era separada?

—Não, era comum.

—Havia alguma criada, rapariga, mulher a dias?

—Mais ninguém, de ordinário, como hoje.

—Vou mandar proceder á autopsia.

Redobram as ânsias e aflições do velho. Então o Juiz mandou retirar, no próprio colchão, o cadáver da mulher para outra sala. Breve compareceu o Alcaide Antonio José Rodrigues, mais os peritos: Manuel José do Souto e Antonio José de Sousa Basto, médicos pela Universidade de Coimbra, e João Antonio Gomes da Costa, Cirurgião do Hospital. Abrindo o cadáver «naquelles sitios em que os sintomas mais se manifestão» acharam: «o Estomago na sua parte interna assim como o resto dos Intestinos todos de cor alterada, roxa, o que indicava uma prompta gangrena eifeitos de actividade do veneno; e pela parte do Estomago e mais Intestinos interna huma gangrena já estabelecida, o que se conhecia pello sphacelo, cor denegrida e manchas avermelhadas», que se mostraram em toda a tunica aveludada (sic) do mesmo Estomago e Intestinos já com alcalencia e cheiro e a devorava (sic) das substancias contidas no mesmo Estomago e Intestinos o que não hera proprio succedesse dentro das poucas horas que mediarão do ataque da molestia athe a morte, e desta athe agora, ao acto deste Exame senão estivesse envenenada confirmando o Juiz desta inspecção anatomica os sintomas todos, que se desenvolverão desde a ora em que lhe deram o veneno athe ao momento da sua morte como foram âncias mortaes vomitos continuos pitechias por todo o corpo, arroxiamento de unhas e extremidades, algides por todo o corpo, inchação de labios e celipeamento devictas, o que tudo elles Medicos e Sirurgião observarão por serem chamados a assistirem a sobredita defunta logo no principio do ataque.» «Em conclusão—a morte desta mulher foi feita por veneno, que seria o arsenico.»

Embrulharam o cadáver num lençol e alguns visinhos meteram-no no caixão.

Quando vinham a descer as escadas, o velho gritava corroído do veneno, e na tortura da tragédia familiar.

(Continua)

Uma carta

Do sr. João Ferreira de Magalhães, gerente da fábrica da «Cucca», recebemos uma carta para ser publicada no nosso jornal.

No próximo número—e não o fazemos neste por falta de espaço—atenderemos o sr. Magalhães, garantindo-lhe, desde já, que ninguém mais do que nós tem empenho nessa publicação como oportunamente terá enoje de constatar.

CARICATURAS MORTAS E VIVAS

Levava-se da bréca e do demónio,
Mudava em olhar duro o olhar arisco
Quando algem lhe chamava «ó António!
(António, vejam lá, se éra Francisco!...)

Tinha a firme mania e o feio gesto
De cheira nas panelas da consorte...
Gritava-lhe ella, então: «meu cheira-a-teste!»
E o cheira lhe ficou até á morte...

Quando o viam nas grades, cabisbaixo,
Era logo um berreiro, em cantocho:
«Préchas, anda cá baixo, anda cá baixo,
Olha o leão na jaula, olha o leão!»

«Deixai estar, deixai, que m'as pagais!...
O pobre sacristão assim dizia.
«Em sacco róto, não, não as deitais!...
«Rei-de saber a vossa geografia!...»

Um día uma Alta-Dama, em riso franco,
Pregunteu-lhe o que havia pra assiegar...

«Senhõra, eu tenho aqui á mão um banco
E que dirá o papá se a magoar!?...»

Um generoso faz-lhe um gesto em bico
E atrás do pai se esconde ao arrecesso...
—O filho de gerico sai gerico!...
Gerico tam igual eu não conheço!...

Nos bolsos remechia—em guerra ou paz—
Calhãos para fuzila aos maltreados...
Alguns eram calibre de rapaz,
Outros de calibre homem, separados...

Meu pobre cheira-a-teste, ai! que saúde
De tantas coisas... mortas!...
Do tempo em que te via a andar depressa
Atráz da garotada, p'la cidade,
Com a capa de portas
E a mitra na cabeça!...

Coito de critérios não avessos

Por L. COELHO

I
(Continuação)

E' incontestável que as sci-
tas religiosas quer se trate
de dominicos, quer se refira
aos jesuitas —, em todos os
tempos, se não fossem as reac-
ções profundas dessa força ex-
traordinária que é o Povo, per-
da-la-ia irremediavelmente.

Elementos de desorden, reve-
lando ambições desmedidas, (não
falando já das lutas que provo-
caram no início da nacionalida-
de nem tão pouco no captivo-
rio dos sessenta anos) de há um
século a esta parte elas tem
sido agentes de descrédito, e,
constantemente, acrescem ás
medidas repressivas a miséria
pública.

Se não, vejamos:

Emquanto em Janeiro do trágico
ano de 1817, se negociava um
empréstimo de 2 milhões de
cruzados, ao juro de 6%, para
pagamento de letras e outros
compromissos que evitasse a
banca rota, e em Julho desse
mesmo ano se exigia de todas
as cidades portuguesas um novo
empréstimo de quatro milhões
de cruzados, ao mesmo juro an-
terior, negociado pelo comen-
dador Henrique Teixeira Sam-
paio, seu áulico — os esban-
jamentos levariam o país a atra-
vessar a maior das crises, e
como e percebemos exausto,
desvirtuaram os protestos da
população e vá de esboçar a re-
pressão de quaisquer reclama-
ções, para, no fim de contas,
perseguir as associações clan-
destinas daquelles chamados ma-
çons ou pedreiros-livres, afim
de não ser perturbada a seguran-
ça pública...

—O atavismo duma raça é, por
vezes, tara que a molesta.

Se uma ou outra geração sai
mais limpa, mais consciente,
lá vem outra que recebeu a
transmissão dos caracteres dos
seus ascendentes, todos os de-
feitos, e pratica os mesmos ac-
tos de ataxia locomotora.

—Nunca considere erro rela-
cionar a genealogia com o ata-
vismo.

Um indivíduo medianamente
culto reflecte e com facilidade
distingue as opiniões erró-
neas que surjam nestes capítu-
los de sciencias.

Dá crédito a que o processo
de evolução é mais difícil de
compreender na familia, mas
examina que numerosas caracte-
rísticas estereotipam e esta-
belecem o principio de leis fixas
e invariáveis que anda li-
gado ao passado, que insiste
em completar a obra, condenan-
do-o, e arrastando uma estirpe
ás gemónias.

(Continúa)

GADELA

Desapareceu uma coelhei-
ra, de cor amarela, calçada
de branco, metade do focinho
branco, uma malha no cacha-
ço, peitos e barriga brancos.

Faltou no dia 1.º de Maio
e procede-se contra quem a
tiver e não a apresentar a seu
dono, sr. Martinho Azenha,
morador no Campo do Sal-
vador, após a publicação des-
te anuncio, ou gratifica-se
quem a vier entregar volun-
tariamente.

História do Regimen Republicano em Portugal

Recolhem-se assinaturas na
Papellaria da Porta da Vila,
junto da Filial do Banco do
Minho, pertencente ao Snr.
L. Oliveira & C.ª.

Erros passados?! BANCO NACIONAL ULTRAMARINO

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada

SÉDE EM LISBOA

Reservas: Esc. 67.000.000\$00

Rua do Comércio.

Capital: Esc. 50.000.000\$00

Emissão de 564.811 4/9 acções do valor nominal de Esc. 90\$00.

De 26 a 31 do corrente está aberta ao publico a sub-
scripção de 370.370 4/9 acções ao preço de Esc. 170\$00,
as quaes fazem parte da emissão que ora se realiza de
564.811 4/9 acções.

As restantes 194.441 acções estão subscriptas pelas
colónias e a sua adjudicação garantida nos termos da ali-
nea b) do art.º 9.º do Decreto n.º 17.154 de 26 de Julho de
1929 e alinea b) da clausula 8.ª do contracto de 3 de Agos-
to do mesmo ano.

As acções a emitir ficam, para todos os efeitos, equi-
paradas ás acções que actualmente existem, mas tal como
as 194.441 acções subscriptas pelas Colónias foram por
elas adquiridas em 1929 com direito a todo o dividendo
do exercicio que estava correndo, ás restantes acções equal
direito se reconhece agora com relação ao exercicio de 1930.

N'esta conformidade, no acto do pagamento das res-
pectivas subscripções encontrar-se-ha, para o primeiro
grupo de titulos, a importância correspondente a sete doze
avos (7/12) do dividendo distribuido relativamente ao ano
de 1929 e ao segundo grupo, em cada acção subscripta
pelos Snrs. Accionistas, será descontada a quantia de Esc.
9\$90 como pagamento do dividendo do primeiro semestre
do exercicio corrente.

Aos actuaes accionistas, é, pelo § 1.º do art.º 13.º dos
Estatutos do Banco, reconhecido o direito preferencial de
subscripção, para cujo exercicio terão de apresentar á ca-
rimbagem os titulos que, presentemente, possuem.

As acções serão nominativas ou de coupons á livre
opção dos accionistas subscriptores.

As acções subscriptas pelas Colónias serão pagas nos
termos da Lei e aquellas que os accionistas e o publico su-
bscrevam serão pagas em duas prestações, a 1.ª de Esc.
45\$00 por acção, vencível no próprio acto da subscripção,
descontando-se n'ela, quando devida, a dita importância
de Esc. 9\$90, a 2.ª de Esc. 125\$00, exigível em 30 de Ju-
nho de 1930, podendo esta ultima prestação ser paga,
acrescida dos respectivos juros calculados á taxa do des-
conto do Banco de Portugal, em 5 mensalidades eguaes e
sucessivas de Esc. 25\$00 cada uma.

As subscripções são recebidas na Séde e Dependên-
cias do Banco, no ANGLO PORTUGUESE COLONIAL &
OVERSEAS BANK, Ltd. em Londres e na BANQUE
FRANCO PORTUGAISE D'OUTREMER, em Paris.

Um grupo financeiro, constituído por elementos nacio-
nais e estrangeiros, garante e toma firme a parte da emis-
são que os accionistas e o publico deixarem de subscrever.

Lisboa, 24 de Maio de 1930.

O GOVERNADOR,

J. H. Ulrich.

Intolerancia e Ambição

Raro é o dia em que os jornais
não trazem a noticia, enviada de
qualquer ponto da provincia, de
protestos originados na intolerancia
e no abuso de representantes do
clero. Os parocos, os priores e os
abades portugueses de outros tem-
pos, bondosos e clementes, desin-
teressados dos bens materiais e
tolerantes em extremo, em face
dos pecados alheios, desapareceram
de todo, restando apenas do
seu apostolado na terra uma vaga
e suave recordação.

Pouco a pouco, insensivelmente
quasi, Roma foi modificando a edu-
cação dos futuros pastores, forman-
do-os á sua imagem e semelhança,
de modo a substituir o padre por-
tuguês, quasi sempre sinceramente
liberal...

Dois objectivos únicos guiam
hoje a grande maioria do clero da
nossa terra: impôr ao povo ideias
e principios...

Não pode dizer-se, em boa ver-
dade, que a religião cristã tenha
melhorado, ou que tenha ido au-
mentando assim o numero dos
que julgam salvar-se pela fé...

Em vão os espiritos desempoi-
rados demonstram ao clero o cami-
nho errado que vai trilhando, levan-
tando á sua volta um mundo rui-
dosissimo de protestos e criando
na alma dos próprios crentes uma
indomável aversão aos processos
usados. Cego e surdo aos bons
conselhos, arrastado apenas pelo
seu espirito, pelo desejo de se
manter e de triunfar, o clero por-
tuguês, guiado pelas doutrinas
reaccionárias do Vaticano, é hoje
o mais activo...

Repetidas vezes temos focado
este ponto e accentuado que não é
a nós, livres-pensadores, que eles
prejudicam, descrentes como so-
mos da sua influencia para a con-
quista da Felicidade humana, mas
á própria religião de que se dizem
defensores.

M. S.

De "Rebate"

Providências!

Não basta a total paralisa-
ção do parque á volta do
Castelo para vergonha nos-
sa; hoje, em dia, esse ter-
reno que o génio artístico do
ilustre vimaranense, sr. José
Luís de Pina, amoldou para
um sobêrbo e lindissimo par-
que, não vai além dum logra-
douro público onde pastam
galinhas e onde se pôe a có-
rar a roupa lavada.

¿ Providências?

¿ Quem as toma?

Mas há mais: no terreiro
de S. Francisco succede o mes-
mo, sendo impossível que se
consiga accesso ao hospital, á
igreja ou á escola que áquele
funciona anexa.

¿ Providências?

Onde residirá esse poder...
oculto que não consinta que
façam dos largos da cidade
uns campos arrelvados?

Providências, senhores!

EDITAL

A Comissão Administra-
tiva da Câmara Municipal
do Concelho de Guimarães:

FAZ SABER:

1.º—Que se acham patentes, na
Secretaria da Câmara Municipal, a
exame dos contribuintes, os lança-
mentos directos das DERRAMAS
ESPECIAIS para a Construção da
Praça e Edifício para os Paços do
concelho e Avenidas e ainda para
abastecimento de águas na povoá-
ção das Caldas das Taipas, fregue-
sia de Caldelas, organizadas pelos
mapas de lançamento do ano fi-
ndo e nos termos da Lei.

2.º—Que, durante o prazo de
15 dias, a contar da data deste
edital, podem ser apresentadas
quaisquer reclamações, nos ter-
mos do art.º 114 da Lei Adminis-
trativa de 7 de Agosto de 1913.

3.º—Que as freguesias contribui-
das são as seguintes: Para os Pa-
ços do Concelho as freguesias de
Oliveira, S. Paio, S. Sebastião,
Creixomil, Azurem, Urgezes e
Costa. Para abastecimento de á-
guas nas Caldas das Taipas; Cal-
delas, Ponte, Barco, Prazins (San-
ta Eufémia e Santo Tirso), Sande
(S. Clemente, S. Lourenço, S.
Martinho e Vila-Nova), Donim,
Briteiros (Santo Estevão, Santa
Leocádia e S. Salvador), Longos,
Balazar, Corvite, Souto (Santa
Maria e S. Salvador) e Gondomar.

4.º—Que estas derramas devem
ser pagas durante todo o próximo
mês de Junho do corrente ano.

E, para constar e não haver
ignorância, se publica o presente
edital e outros de igual teor que
vão ser afixados nos lugares mais
públicos desta cidade e freguesias.

Guimarães, Secretaria da Câ-
mara Municipal, aos 15 de Maio
de 1930 e trinta.

E eu, José Fernandes
Ribeiro Gomes, Official,
servindo de Chefe da Secretaria
da Câmara, o escrevi.

O Vice-Presidente da Comissão,
servindo de Presidente,

Duarte do Amaral Pinto de
Freitas.

Assina «A Velha Guarda»

A Desilusão

Trecho do novo romance de Aquilino Ribeiro, "O Homem que matou o diabo":

(Conclusão)

Os senhores têm fantasias que envergonham o Apocalipse. Mas ora, tudo o que concebe realiza-o a primor. Lisonjeia-me que o meu amado possuía génio para deixar Paris, este monstro, de boca aberta. Não imagina a minha satisfação em sabê-lo votado à arte, distraído da vida de estróina que levava. Pretendem os seus amigos, amigos dos diabos, que o faz como recurso à ruína a que chegou. Digo-lho desassombradamente, por não acreditar. Não o conhecem. Um homem que atravessou a Espanha e quasi toda a França sem um soldo no bolso não tem medo da ruína, ainda que esteja arruinado. Mas se é verdade, Macário, se é verdade... abençoada seja a quebra que o restituiu à arte. E não se apoquentem... Perceberam? Gonzalo Prieto que, aqui para nós acaba na guilhotina ou grande de Espanha com estátua no *pueblo*, contou a Nanucha, agora a sua favorita, que o fora encontrar no atelier a limpar as lágrimas. Porque chorava?... Não me diz?... Sou eu a culpada? Ontem, bati-lhe ao ferrólho; não estava. Em pé de conversa disse-me a porteira: «Este pobre senhor Mendanha quando não tem as mãos enterradas no barro senta-se num banco e, de cabeça para o chão, passa horas inteiras a malucar na morte da bezerra. Se não são as estátuas que lhe andam a ensarilhar no juízo, lá tem coisa que o ró por dentro». Não fôsse Macário o homem livre que nós sabemos, tão livre como Arouet, diria que media as verdades eternas e há-de acabar na Cartuxa. Não, não rio; alguma coisa grave me esconde. Porque me não apareceu estes três longos dias? Anda a fugir de mim? Se não se julga vingado e projecta vingar-se, declare-o. Vejo-o mudo, insensível; que tem? Macário não faz uma ideia do estremecido carinho com que o meu pensamento gira em volta de si, das suas coisas, dos seres que puseram pé no seu tablado. Sempre lhe conto, mas não veja nisso blandícia: mandei um impermeável ao hominho dos moringues, que deitou de jerico até Paris e tanto se me queixou dos invernos de Castela, e um trancelim de nonada à mulher. Espere; não agradeça; mandei ainda a padre Augusto um Cristo de marfim, que encontrei no meu antiquário, de saio, torcido como coiro ao lume, um autêntico horror. Enderecei-lho para a Beira Alta; lá vai ao destino, não é assim? Repito, não agradeça. E para que propiciem com os seus votos a nossa vida. Não procure mais do que isto; sou supersticiosa e, de tempos a tempos, forjo-me egoistamente estes amuletos. Mas que tem? Não fala... Acha pouco a confissão que lhe fiz? Macário, Macário, esforce-se por me compreender. E' tão simples! Ouça, gostava de ver no seu sentimento ardor e constância igual à de que deu mostras quando da primeira veio ter comigo; gostava de me ver perseguida pelos seus olhos de moiro, os olhos que me tiã mudo no *studio* e às criadas; ver-me revolvida por vozes patéticas de amor, aquelas suas vozes em que, de angústia, me parecia ouvir chorar recém-nascidos e moribundos. Que senti-lo, como nessas horas, louco, desesperado, capaz de me matar e de se matar. Queria ser vencida em batalha. Porque me obrigou a ser sincera, a ser humilde, a vir lamuriar o meu amor, coisas que deixam fezes na nossa alma?

— Máxima, tudo o que me diz adivinhei-o há muito. Mas o seu amor veio tarde. O meu amor por si morreu, morreu, afogado na própria violência, na hora em

A Estação Postal de Moreira de Cónegos (Vinhas)

O famigerado Miguel Alves

O bajulador indecente—O esfomeado louvaminheiro—Representando jornais de tôdas as políticas, foi cevando o apetite fóra da mēsa d'honra! O jornalista barato, incompetente e parcial no labirinto das suas contradições, procedendo sempre odiosamente ao sabor dos :: :: :: «poltrões» que o comandam :: :: ::

Brado ao povo do Vizela

(Conclusão)

DIGNO POVO DE VIZELA! Não é a ridente vila das Caldas o meio próprio para a existência deste objecto exemplar duma degradação tão típica e tão caracteristicamente sua!

Ali não é montureira asada e feliz á germinação e ao desenvolvimento de venenosos cogumelos tais.

A iconografia das suas torpezas morais existe na mente de cada digno vizelense, e a repulsa geral para com o *deioso* Miguel tomou estadia perenal em todos os corações, sendo sumamente esporádico o *amoroso enleio* com que os CUCAS e os PEDAGOGOS de Moreira se calaram a este *fidellissimo* lebreu, tão voluntarioso como indigno,—para não dizer *canalha*—na campanha contra o encarregado da E. Postal de VINHAS.

Se é certo que todos os vizelenses conhecem todo o cosmorama da infima conduta do famigerado Miguel, até hoje diluida, ininterruptamente, na extensissima cadeia dos seus costumados e proverbiais expedientes, será em Vizela desconhecida, de certo, a facanha passada em Moreira, e que é a causa próxima destes artigos...

Em poucas palavras, pois:

De há anos que a A. G. dos Correios e Telégrafos fundou em Moreira de Cónegos uma Estação Postal com registo alheio ás simples caixas rurais.

Estação, assim bastante completa e cómoda, era destinada a várias povoações limitrofes e, portanto, não seria exclusivo da freguesia de Moreira que, sózinha, não merecia a importância de lhe criarem, no centro e em prejuizo das outras terras, uma estação daquelas. Como, pois, a estação não era só de Moreira, mas sim de várias freguesias, adequadamente se batizou a referida estação com o nome de VINHAS, que é o *chamadoiro do lugar* onde ella existe e que representa o sitio mais *comesinho* não só para Moreira, como em conjunto para Moreira, Lordelo, Conde, Guardizela, Gandarela e Serzedelo.

Ao mesmo tempo que Moreira tem ali o depósito da sua correspondência, bastando-lhe, para tal, uma simples caixa rural, não tem direitos a mesma freguesia de Moreira, a avocar, a si só, uma Estação Postal chamada *Vinhas*, que é pertença de muitas terras englobadamente.

Não pôdem, pois, os únicos amoucos de doutrina tão avariada como avara,—e que são somente três,—dispôr da SEDE duma estação daquelas a seu talante sem que os habitantes das diversas localidades próximas façam a sua reivindicação de propriedade.

que me era possível mais não ter a desejar. Não tenha pena, que por seus olhos fui a todos os extremos, note bem, a todos os extremos duma paixão desvairada. A sua mão fez-me atravessar o inferno, mas não me tirou menos do inferno; isso lhe devo. Máxima, perdoe e adeus!

E sem voltar a cabeça, deixando-a com o filtro entornado de feitiçeira, amarrotada, inefável e mesquinha a soluçar, se foi dali para nunca mais.

AQUILINO RIBEIRO

E' justo e é moral.

Ora o nosso herói Miguel que, desde que o seu estômago toca a rebate, em tudo vê a maneira felicissima de cevar o seu apetite, deixou-se acorrentar pelos inimigos do actual encarregado de VINHAS, indo-lhes ao encontro do *encoberto* joguinho, e principiando contra este funcionário a maior das campanhas, caluniando-o em prosa alheia que publicava como sua!

E assim, sem averiguar das inimizades pessoais que os seus mandantes tinham com o referido funcionário, e cometendo a *gafe* de fazer jornalismo sem que moralmente ouvisse as pessoas da *fação* contrária, para que pudesse observar, de olhos vendados, de que lado estava a boa razão; o nosso impagável e importante Miguel, sem obrigatoriamente cumprir tudo isso, limitou-se apenas a receber das mãos dos seus parcialissimos e furiosos informadores,—entre a mastigação duma reles cõdea e a rápida absorção duma *caneca* de vinho,—os depravados linguados que lhe eram apresentados na «Cucca» e no *Oubeirinho*, fazendo-os estampar, como chapa única, nos diversos jornais, monárquicos e republicanos, que elle tão feiamente representa!

E a prosa mazorrã que lhe era servida, havia sido previamente amassada nas mais cinicas e tendenciosas calúnias, como segue, e que já foram esmagadoramente desmentidas.

Que violava a correspondência. Que exigia dinheiro pela entrega nos domicílios, feita pelos seus pequenos.

...E não sei que mais, e nem mesmo vale a pena esmiuçar, prestando-se o Miguel ao infame papel de público acusador dum homem honesto lançando-se temerariamente num bêco onde eu o vejo entalado e na perspectiva de sair de lá para... a cadeia.

Não contava este lebreu ferino e bem assim a limitada farandula dos que o aticam, com o reverso da medalha, arrogando-se a ingloriosa vitória da vingança, á mistura com a mais feliz das impunidades...

Enganou-se o *patarata* de Vizela e iludiram-se os refinados amoucos que jesuiticamente o manejam!

Eu sei que os espíritos acanhados e ferozes são naturalmente teimosos, custando-lhe a entrar uma ideia, como ainda a despirem-se dos seus calculados intentos...

Mas eu garanto ao digno povo de Vizela que tenho seguros pelas orelhas não somente o estulto e ridículo Miguel Alves, que vos melhor do que eu conheceis, como ainda os prostituidos e malignos palafreiros que o levam ao palanquin onde elle tenta promover a deshonra alheia!

Não!!

Estes típicos assaltantes e repetentes insultadores da honra alheia terão sempre,—contra si e em cima de si,—o avergoante látigo da minha *estilografica*; e a tinta que para eles usó é a mais venenosa poção a ministrar-lhes lugubramente, para que a Moral saia illesa nas suas diabólicas tentativas e eles morram para sempre no conceito o puro das honestas pessoas que os lobrigam...

Desmacarados com dextreza e

COISAS

Os reacionários portugueses permanecem no seu velho e isolado scepticismo. A emancipação dos homens é—na sua cãndida ingenuidade—o mais discutível dos acontecimentos... Sebasteanistas duma causa depauperada... ainda sonham nos espantosos milagres do invisível. O seu scepticismo estende-se á efficácia da *Liberdade* que o «homem-cérebro» conquistou porfiadamente...

Foram séculos de luta gigantesca, combates colossais no decorrer dos séculos. A Democracia é logicamente a finalidade cívica das sociedades. Prova-o a historia política dos últimos cem anos. De então se dirigem tôdas, por embora diversas linhas, para esse estado de civilização.

Pombal—sendo aliás um poderoso ditador—deu formidáveis golpes nos «elementos-base» da velha sociedade... A planta cresceu por entre a reacção duma raíña louca e dum cobarde rei. Frutificou no sangue heroico e nobre de Gomes Freire de Andrade. Vicejou esplendorosa e forte com Borges Carneiro, Fernandes Tomaz e Ferreira Borges.

Depois—como sempre—o velho mundo debatendo-se no estertor da morte, estertor que semeia o terror e a iniquidade...

Mas a nuvem passou e o miguelismo foi apenas um parêntesis lamentável.

A Liberdade foi assim conquistando passo a passo o seu fulgor: —«O 31 de Janeiro», heroico arrebatemento idealista dum punhado de portugueses que não sofreu a vergonha do «*ultimatum inglês*» e «o 5 de Outubro», gloriosa jornada do Povo...

A República foi a consequência remota duma aspiração e imediata da degeneração de alguns patibulares que traziam a Nação em hasta-pública permanente. Triunfou porque o estado de alma nacional era de revolta.

E' uma verdade incontestável, em que doia ao sr. João Ameal.

Este *impávido* jornalista de D. Miguel costuma chamar quadrilhas aos agrupamentos políticos que se juntaram em volta da República. Que diríamos nós de tantos e tantos conventos a fazer cla-

desassombro, qual é a figura que tais poltrões fazem perante as altas esperas?!

E' simplesmente esta; a de engulirem a própria peçonha que os empapatao *saturadamente* e que tem o estólido atrevimento de arrogar como existente nos outros. Farçantes!

Supinos detentores da mais arlequinesca vaidade, portadores da mais concreta ignorancia, e salientando-se com o seu proverbial e odioso atrevimento, eu hei-de sumi-los sempre na lama onde são dignos de chafurdar, previamente os premindo com as psuas amargas acusações, psuas estas que eternamente lhes martirizarão os réus!

A *vaidade* é o selo da mediocridade!

A *ignorância* é sempre a mãe dos grandes crimes!

E o atrevimento gosta sempre de casar-se mais com a temeridade do que com a prudencia...

O Miguel e os que o compraram são *vaidosos*, são *ignorantes* e são *atrevidos*!

Com estes atributos fica mal quem os não conhecer e quem, conhecendo-os, não os visitar...

Mas uma coisa eu garanto aos vizelenses e aos meus leitores em geral:

O homem atrevido não dura mais do um vaso de vidro!...

E' o caso!

Bisturi

Dr. Nuno Simões

De visita aos seus amigos esteve na passada 2.ª-feira, em Guimarães, o antigo deputado e ministro, sr. Dr. Nuno Simões que vai ao Brazil realizar uma série de conferencia e assistir ao lançamento da 1.ª pedra para a fundação da Casa do Minho.

S. Ex.ª gentilmente veio á nossa redacção apresentar cumprimentos de despedida, pelo que lhe desejamos uma boa viagem.

História do Regimen Republicano em Portugal

Foi incumbido da inscrição de assinaturas para esta importante e notavel publicação com o exclusivo de representação, neste concelho, o sr. Antonio Vieira de Andrade.

môr da piedade cristã? Que diríamos dessa imensa falange de charlatões mitrados em constante exercicio de roubo?

Simplemente isto: acantelar carteiras.

E' que os *Joões ameais* estão deslocados; esquecem a impropriedade da linguagem estoico-brutal. Abusam da demasiada tolerancia que a República lhes concedeu. Esta podia collocá-los uns dias á sombra para refrearem os ímpetos selvagens.

Não! Os republicanos tem outro cérebro e outro coração. A historia deles ainda não tem facanhas de desluzte sangüinario

A revolução francesa foi tremenda, é certo. Mas o sangue que nella correu foi uma resultante da grandiosidade do seu ideal. Como o cristianismo—na sua casta fluencia primitiva—a revolução francesa ocasionou o sangue que costuma baptiaar as grandes conquistas da humanidade.

E já agora, que os ameais assestam tantas buxas contra a Democracia francesa, vejamos o que tem sido a sua elevada administração; um modelo financeiro que muito deve inquietar os seus miseráveis detractores. A França é o país que, após os Estados Unidos da America do Norte, mais dispõe daquêlé áureo metal sonante que fez o prestigio de muito monarca célebre.

E, o que seria ella no poder dos Bourbons ou Valois se acaso não falisse a realza francesa? Por favor, não estabeleçam a comparação.

A historia fala e não seriam os tarados descendentes daquêlé ridiculo Luis XVIII que viriam fazer uma excepção assombrosa á quasi regra geral das familias reinantes.

O reacionário apenas captiva ignorantes e famintos por qualidades encrentes á sua histórica maneira de agir.

Auxiliado pelo clero... lá vai tentando entorpecer a ordem dos acontecimentos. O clero recebe milhões e distribui migalhas com o espalhafato de grande amor pelo próximo.

Pobre Nazareno! Meigo sonhador da Galileia...

Eras puro, eras pobre, eras verdadeiro, prégaste a paz, morreste numa cruz cheio de injurias...

E dizem imitar-te...

Foi assim que o pensamento evoluiu...

Olhá para o que eu digo, etc. — dizem elles.

H. Belém

Lêde e propagai

«A Velha Guarda»

PHILIPPS RADIO

Nova combinação de Luxo -- Receptor 2511.

Alto falante Electrodinámico com excitação

O Receptor que ganhou o primeiro prémio na
Exposição de Londres.

O Receptor onde estão reunidos com elegância
todos os aperfeiçoamentos.

O Alto falante melhor delineado.

Intensidade e nitidez incomparáveis.

Perfeição Científica :: Perfeição Artística.

O único que leva a alegria ao vosso lar.

Em Guimarães :

BERNARDINO JORDÃO, FILHOS & C.^a